
A cronística de Gaspar de Carvajal: realidades do Novo Mundo e do Velho Mundo

Jocenilda Pires de Sousa do Rosário*
Carlos Henrique Lopes de Almeida*
Cesar Martins de Souza*

Resumo: O trabalho apresenta a cronística de Gaspar de Carvajal intitulada Descubrimiento del Río de las Amazonas que retrata a expedição de Francisco de Orellana e Gonzalo Pizarro em 1541/1542 quando cruzaram o rio Amazonas. Na obra, notamos a descrição da conquista do Novo Mundo que significou uma aproximação com os ideais do Velho Mundo. Duas realidades distintas que ganharam representatividade nesse processo. O novo cenário repleto de contrastes que surgiu diante dos olhos curiosos dos conquistadores, aos poucos se tornaria um lugar onde confirmariam a existência do que já haviam tomado como verdade, em virtude principalmente das leituras das novelas de cavalaria e de uma visão etnocêntrica do Novo Mundo. Os mitos também impulsionaram a exploração e dominação de novos territórios. Para isso, desenvolveram-se estudos bibliográficos sobre os temas, utilizando-se autores como Irving (1996), Pizarro (2009), Heufemann-Barría (2014), Mignolo (1982), Almeida (2013) entre outros. O resultado deste trabalho busca apresentar as realidades do Novo Mundo e do Velho Mundo presentes no discurso de Carvajal e a contribuição da cronística para futuras pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: Cronística; Novo Mundo; Discurso.

The Chronicle of Gaspar de Carvajal: New World and Old World realities

Abstract: The work presents the chronicle of Gaspar de Carvajal entitled Descubrimiento del Río de las Amazonas, which portrays the expedition of Francisco de Orellana and Gonzalo Pizarro in 1541/1542 when they crossed the Amazon River. In the work, we note the description of the conquest of the New World, which meant an approximation with the ideals of the Old World. Two distinct realities that gained representation in this process. The new scenario full of contrasts that emerged before the curious eyes of the conquerors, would gradually become a place where they would confirm the existence of what they had already taken as truth, mainly due to the reading of chivalry novels and an ethnocentric view of the New World. Myths also spurred

exploration and domination of new territories. For this, bibliographic studies on the themes were developed, using authors such as Irving (1996), Pizarro (2009), Heufemann-Barría (2014), Mignolo (1982), Almeida (2013) among others. The result of this work seeks to present the realities of the New World and the Old World present in Carvajal's speech and the chronicle's contribution to future research on the subject.

Keywords: Chronicle; New world; Speech.

Introdução

O processo de achamento da Amazônia entre 1541 e 1542 tomando como base a viagem feita por Francisco de Orellana e Gonzalo Pizarro representou o encontro entre duas realidades distintas: O Novo Mundo e o Velho Mundo. Muitos foram os colonizadores que se aventuraram em busca de novas riquezas e novos territórios, colocando em questão discussões sobre os aspectos históricos e culturais envolvidos no processo de aproximação entre esses dois mundos. O novo cenário trouxe muitas mudanças à sociedade da época, que possibilitaria a abertura de um novo espaço para ser discutido e modificado. Para Almeida (2013, p. 15):

O descobrimento do Novo Mundo ocorre em um momento extremamente particular, qual seja, a transição entre a Idade Média e o início da Modernidade. Uma zona fronteira, a partir da qual surgiram novas concepções e profundas mudanças, possibilitando o aparecimento e a tentativa de consolidação de um novo espaço, relatado por várias modalidades e estratégias de registros, cujo principal propósito era compreender e assimilar esse descobrimento para conquistá-lo. (ALMEIDA, 2013, p. 15).

As primeiras impressões do homem europeu sobre as novas terras estão presentes na cronística do frei espanhol Gaspar de Carvajal, responsável pelo relato completo da viagem de achamento¹ da Amazônia. O homem, com ideário ainda medieval, impulsionado pelos ideais de conquista, sempre almejava novos territórios. As riquezas sempre influenciavam aos novos conquistadores trilhar longos caminhos. Um dos caminhos que mais proporcionou

¹ Neide Gondim trabalha com a ideia de que a “Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a partir da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana, pelo relato dos peregrinos, missionários, viajantes e comerciantes” (GONDIM, 1994, p. 09). Sem dúvidas, ao tratarmos de Amazônia, considero que por já existirem povos habitando a região, ela foi achada pelos colonizadores que aqui chegaram.

a cobiça dos colonizadores foi, sem dúvida, àquele trilhado por Gonzalo Pizarro, que apresentou a Amazônia para o Velho Mundo.

Por mais que a Europa estivesse já em declínio dos ideais da Idade Média, vivendo em pleno Renascimento, o conquistador “portador de uma herança marcadamente medieval, mas aberta à experimentação, apregoada pela Idade Moderna” (ALMEIDA, 2013, p. 107) que chegava à América, vinha quase sempre na companhia de um religioso que não se separava dos ideais medievais.

É importante destacar que para Souza (1986) muitos elementos medievais estavam presentes nos discursos da descoberta. O olhar desses conquistadores começou a observar aquilo que não lhes era comum. “O homem preso ao universo medieval, via para escrever narrativas que, por sua vez, seriam ouvidas” (SOUZA, 1986, p. 22). Por meio de leituras tudo o que era visto era exposto nos relatos dos cronistas.

No processo de transição do Medieval para a Modernidade, a fé impulsionava aos navegadores que vinham ao Oriente. Conforme as descrições de Colombo, homem ligado aos ideais medievais, em uma de suas cartas de navegação: “Estou convencido de que aqui é o Paraíso terrestre, onde ninguém pode chegar se não for pela vontade divina [...]” (21.02.1493) (TODOROV, 1999, p. 20). Para Franco Júnior (2001, p. 217), Colombo:

[...] objetivava mais a difusão do cristianismo do que o ouro; desejava este apenas para realizar uma Cruzada a Jerusalém; atraía-o ao Oriente acima de tudo a crença de que lá se localizava o Paraíso Terrestre. (JÚNIOR, 2001, p. 217).

Contudo, quando os navegadores chegaram à América, encontraram um povo que adorava ao Deus Sol, uma entidade que lhes fornecia conhecimentos sobre como cuidar da terra e das pessoas, como governar, ter fartura. Os Incas viviam em uma grande civilização, muito bem organizada.

Los conquistadores encontraron un rico y organizado pueblo; no se trataba de una sociedad primitiva, sino de una civilización que había alcanzado un nivel de desarrollo social, militar, agrícola y artesanal. (HEUFEMANN-BARRÍA, 2014, p. 39).

Com características distintas, o “encontro” entre conquistadores europeus e o povo indígena incaico fez com que uma desordem se instalasse na América, onde os interesses da coroa espanhola ficariam em primeiro plano. “Los conquistadores [...] crearon una estructura propia, un poder paralelo, con las características e intereses propios de su realidad”

(HEUFEMANN-BARRÍA, 2014, p. 43).

É no cenário peruano, diante de lutas e conquistas, que ocorrem as primeiras descrições sobre a Amazônia. Um cenário que aos poucos será modificado de acordo com os interesses dos conquistadores que serão guiados por muitos ideais da Idade Média ao descrever e caracterizar as novas terras, como as leituras das novelas de cavalaria.

Ideais do Velho Mundo: as novelas de cavalaria e o conquistador

É necessário esclarecer que não é intuito deste trabalho discorrer sobre as novelas de cavalaria do ponto de vista histórico, mas apresentar algumas características que contribuam com a análise da postura assumida pelo conquistador no Novo Mundo, mediante o uso desse tipo de leitura. Neste caso, utilizamos o relato de Gaspar de Carvajal e as descrições sobre a postura de Francisco de Orellana.

Diante do processo de achamento, exploração e colonização da América, devemos considerar que os conquistadores que aqui chegaram estavam com discursos pautados em muitos ideais ainda medievais. Cada um possuía suas características e particularidades culturais. Vinham sempre com conceitos previamente formados sobre as novas terras. Para Almeida (2013), eles possuíam a prática da leitura e ela se fazia presente no processo de conquista.

As leituras da época estavam baseadas nas novelas de cavalaria², uma literatura popular que ganha notoriedade com a invenção da imprensa a partir do século XVI. Segundo Irving em *Los Libros del Conquistador* (1996, p. 10):

[...] estos relatos verbales excitaban la credulidad de los oyentes, mucho más incendiaria y convincente era la evidencia visual que tuvieron después de esa fecha, cuando la recién inventada imprenta lo corroboró claramente ante sus ojos en la mágica forma impresa. Hasta entonces el saber y la verdad habían estado aprisionados en libros escritos hacía innumerables años, y constituían él patrimonio privativo de monjes y de sabios; pero ahora los libros impresos ofrecían generosamente sus páginas a cualquiera. Lo que en ellos aparecía no admitía duda, y confirmaba plenamente las historias que los lectores ya habían

² Por lo general, estas novelas eran largos relatos sobre imposibles hechos de héroes caballerescos en extrañas tierras encantadas llenas de monstruos y criaturas extraordinarias, y presentaban un concepto idealizado y en extremo imaginativo de la vida en que la fuerza, la virtud y la pasión tenían un carácter sobrenatural. Estas prolizas narraciones eran los melodramas de su época, y, sin ninguno de los frenos que hoy día derivan del difundido conocimiento de elementales hechos científicos, los lectores aceptaban sin saciarse ni criticar, las peores extravagancias que los autores tan generosamente les ofrecían (IRVING, 1996, p. 11).

escuchado. La naturaleza casi incontrovertible que tiene un texto cuando está impreso, influenció aun a los más cultivados.

Em meados do século XVI, houve um interesse muito grande pelas leituras das novelas, tendo maior notoriedade na Espanha em virtude das viagens à América, mas logo tomaria conta da Europa e seria elemento essencial ao acompanhar os conquistadores até os lugares mais longínquos. O primeiro livro mais difundido deste gênero foi o famoso *Amadís de Gaula*³ (1508) que narra as façanhas heroicas de vários cavaleiros e seus descendentes. Para Heufemann-Barría (2014, p. 110): “la popularidade de los libros de caballería hizo renacer el interés por la literatura cabalresca”. É evidente que grande parte dessa leitura influenciou os conquistadores, colocando em foco sua imaginação e a busca por aventuras em lugares que eram descritos em muitos desses livros.

Esse crescente interesse pelas leituras proporcionou aos indivíduos reviver certo entusiasmo pela vida heroica, pelas batalhas, pela honra, pela busca de riquezas em terras distantes etc. Para Heufemann-Barría (2014) esse cavaleiro, ao adquirir essas características, passa a conservar aspectos da Idade Média, ligados ao seu modo de ser e ao seu estilo de vida. Irving (1996) considera que o conquistador espanhol foi influenciado pelo meio em que vivia, tornando-se um produto de seu próprio tempo.

Na crônica de Carvajal, ao descrever as aventuras vividas por Francisco de Orellana, como as mortes de homens da expedição, a busca incessante por alimento e os perigos que as águas proporcionavam, o cronista utiliza da figura do conquistador para “reproduzir esquemas fixados no imaginário, herdados das leituras e experiências daquele momento” (ALMEIDA, 2013, p. 37). O heroísmo com que o conquistador é caracterizado proporciona seu reconhecimento frente ao cenário das grandes viagens colonizadoras à América. Neste sentido, Carvajal não mede esforços para destacar as virtudes de Orellana

³ Los cuatro libros en que la novela se divide refieren el origen y aventuras de Amadís y su imperecedero amor por Oriana, hija del Lisuarte, rey de la Bretaña. Amadís nació de la unión secreta entre Perion, rey de la Galia, y la princesa Elisena, que esconde al recién nacido colocándolo en un arca que flota hacia el mar. El infante es rescatado por un caballero escocés, quien lo conduce a la corte del rey de Escocia. Ahí, sin mayor tardanza, Amadís conoce a la encantadora princesa Oriana, a quien a la avanzada edad de doce años rinde su corazón, "amor que duró mientras duró la vida de ambos". Mas ésta era vana presunción en Amadís, cuya oscura procedencia no le dejaba otro recurso que entregarse a la caballería andante y ganar por sus proezas la mano de su amada. Sigue una complicada narración de las diversas aventuras de Amadís y de sus compañeros, incluyendo combates individuales y colectivos, rescates de doncellas, monstruos, islas encantadas y otras experiencias extraordinarias. Amadís permanece fiel a su amada a través de todos estos viajes y aventuras, y por supuesto, su notable constancia tiene como recompensa la gloria y el matrimonio que finalmente contrae con su amada Oriana (IRVING, 1996, p. 28-29).

durante as descrições da viagem ao País da Canela e, já no início da obra, evidencia a importância do conquistador:

Relación que escribió fray Gaspar de Carvajal, fraile de la orden de Santo Domingo de Guzmán, del nuevo descubrimiento del famoso río grande que descubrió, por muy gran ventura, el capitán Orellana, desde su nacimiento hasta salir a la mar, con 56 hombres que trajo consigo, y se echó a la aventura por el dicho río y por el nombre del capitán que le descubrió se llamó el río de Orellana (CARVAJAL, 2011, p. 07).

O olhar testemunhal do frei tem o poder de legitimar o herói Orellana, pois durante toda a narrativa exalta em tom épico a postura do expedicionário, fazendo questão de atribuir a resolução de cada problema que vai surgindo à sua boa liderança e coragem, sem deixar de mencionar a ajuda divina. Neste caso, Deus e Orellana têm o poder de dar um bom término às questões que vão surgindo no percurso da viagem e de proteger e acalmar os expedicionários.

Esse modelo de coragem atribuído a Francisco de Orellana faz parte do modelo de herói proposto pela sociedade espanhola, conforme argumenta Irving (1996) ao destacar o espírito aventureiro e dinâmico desta sociedade e que mesmo diante dessas características, não estava distante de um mundo repleto de imaginação que glorificava a figura do guerreiro enquanto elemento fundamental de sua cultura.

A configuração da mentalidade do colonizador recebeu influências das leituras da época. Estas, por sua vez, não estavam ligadas somente ao aspecto aventureiro, pois possuía também forte cunho doutrinador que fizeram parte do imaginário dos leitores do Velho Mundo e seriam comprovadas pelos homens aventureiros que chegaram ao Novo Mundo. Para Almeida (2013, p. 43):

Essa afirmação encontra amparo nas preferências, antes de mais nada, dos cronistas do descobrimento e no interior de seus relatos cronísticos, ao plasmar suas ressonâncias nas paisagens exploradas e vistas, nas batalhas incansáveis e grandiosas, no estranhamento provocado pelos seus inimigos nunca antes vistos e até mesmo pela envergadura de seus gestos heroicos em virtude da missão assumida diante do Rey e da Madre Igreja.

Esse imaginário impulsionou nos aventureiros a tentativa de comprová-lo nas novas terras. Para Sérgio Buarque de Holanda (2010, p. 77) a fantasia desses homens e o fascínio pelo que poderiam ver no novo ambiente sugeriram o encontro com “homens com um olho na frente e outro no vértice ou na nuca, centauros, faunos, sátiros, pigmeus, gigantes,

ciclopes, [...], Ave Fênix”, além das Amazonas e de El Dorado.

Muitas leituras embarcaram junto com os conquistadores e colaboraram na formação cultural diante da tomada de posse das novas terras. As histórias provocavam curiosidade, temor e, ao mesmo tempo, atraíam os leitores ou ouvintes que criavam suas próprias conclusões a respeito do que estava descrito nos livros. Se houvesse chance de comprovar o que estava escrito, os olhos curiosos não deixariam escapar.

As novelas eram lidas em voz alta (visto que a leitura não era dominada por toda a tripulação) para todos os presentes na embarcação, geralmente nos momentos ociosos ou, ainda, ao final do dia logo após serem cumpridas as tarefas cotidianas. Almeida (2013, p. 46) considera que:

A partir dessa aproximação estabeleciam-se as imagens e as informações que influenciaram e formaram o imaginário responsável, em muitos casos, pelo amparo do desenvolvimento das narrativas cronísticas.

Muitos estavam convencidos de que teriam honra e glória ao participar das grandes viagens e que iriam usufruir de todas as riquezas e maravilhas descritas nos livros. A leitura seduzia também ao conquistador que sonhava com fama e fortuna ao participar de alguma viagem rumo a lugar cheio de fantasias e imaginação.

O relato de Carvajal possui muitas descrições que acompanham a realidade exposta nas novelas de cavalaria. Uma sociedade governada pelas Amazonas e terras cheias de riquezas são algumas das menções feitas pelo frei a um mundo de maravilhas vivido pelos expedicionários. Para Irving (1996, p. 38):

[...] los nuevos mapas del engrandecido mundo estaban ornados de signos cartográficos, que revelaban curiosas anomalías; figuras de extrañas bestias y de hombres cuya existencia era presumible [...].

A postura de Orellana ao desbravar as águas e territórios desconhecidos, enfrentando privações, perigos constantes, sanciona a postura como a de um cavaleiro medieval, afinal “Os *loci comunes*, elementos recorrentes nas novelas de cavalaria, são tópicos ligados à caracterização do herói e suas façanhas e aos grandes desafios que enobrecem a sua conquista [...]” (ALMEIDA, 2013, p. 51).

A realidade do Novo Mundo retratada por Carvajal proporcionou o interesse pela narrativa e a curiosidade de outros conquistadores de conhecerem o que foi descrito, mesmo

que o discurso mescla a realidade com aspectos do imaginário, fortemente influenciado pelas leituras das novelas de cavalaria.

Para descrever o Novo Mundo, os cronistas se utilizavam das narrativas para relatar os acontecimentos das viagens. Nelas, tudo que viam era motivo de espanto, medo, admiração. Muitas descrições feitas, como das lendárias Amazonas, proporcionaram o interesse pelas leituras das narrativas de viagens ao longo de muitos séculos.

Descrições sobre o Novo Mundo

Diante de um novo espaço que se apresentava aos olhos dos europeus com uma natureza exuberante e pessoas desprovidas de costumes e de religiosidade, era necessário descrever tudo que se avistava, por mais desconhecido que fosse da cultura europeia, buscando sempre as explicações e entendimentos baseados no que caracterizava o Velho Mundo, realidade vivida pelos conquistadores.

As narrativas de viagem tiveram papel fundamental ao registrar o novo espaço, visto que no período colonial os escritos sobre os descobrimentos e conquistas eram representados através destas narrativas que objetivavam informar sobre todos os acontecimentos. Para Mignolo (1982, p. 19) “em seu sentido medieval, é uma lista organizada sobre as datas e acontecimentos que se desejavam conservar na memória [...]”.

Cabe deixar claro que os primeiros escritos sobre as novas terras configuram as primeiras criações literárias, pois os primeiros espanhóis “no eran hombres de letras, sino de acción, o eran sacerdotes, que participaron activamente en las hazañas de la conquista” (HEUFEMANN-BARRÍA, 2014, p. 51). Esses escritos, chamados de crônicas, eram responsáveis por apresentar o novo lugar.

Após as primeiras viagens de Colombo ao Novo Mundo, os escritos que passaram a caracterizar o novo lugar foram dos mais variados. Muitos destes, feitos por cronistas, atribuíam uma visão por vezes equivocada e/ou fantasiosa do ambiente, escrevendo o que se desejava ler, como a grande possibilidade de existência de riquezas, proposta de conquista do lugar, descrição dos habitantes e do novo espaço, etc. Assim, muitos escritos seguiam a lógica dos acontecimentos históricos, outros, possuíam relatos fantasiosos, fabulosos, que seguiam a imaginação dos cronistas presentes nas expedições conquistadoras do Novo

Mundo.

Os viajantes, acompanhados de representantes religiosos ou cronistas que formulariam os discursos da descoberta, estavam imbricados no projeto grandioso das coroas portuguesa e espanhola de conquista de novos territórios e construção de um espaço colonial para ser explorado e conquistado.

Neste contexto, Pedro (2004, p. 06) considera que:

As primeiras expedições do século XVI produziram relatos que tiveram repercussão como fundadoras da presença europeia no Amazonas. São registros escritos que carregam uma carga temática, uma leitura do universo amazônico que não resulta apenas da dinâmica das águas e das florestas, mas também das expectativas, idéias e representações, previamente concebidas sobre a região amazônica.

Partindo da visão do homem ainda medieval, as narrativas representavam o olhar do outro sobre o Novo Mundo. Neste contexto, foram várias as expedições que chegaram à América para conhecer melhor o novo lugar, bem como explorar as riquezas descritas pelos primeiros cronistas. Ressaltam-se as expedições de Cortez (1519), Alonso de Mercadillo (1538), Pedro de Úrsua (1560), Hans Staden (1599), Bernal Díaz de Castillo (1632), Alonso de Rojas (1639) e Christóbal de Acuña (1641).

A nova realidade que se apresentava, por vezes, causava espanto aos conquistadores, em outros casos, proporcionava o maravilhoso. Muitos elementos dessa nova realidade estão presentes na cronística de Gaspar de Carvajal sobre a Amazônia.

Ao descrever o novo ambiente, Carvajal vai incorporando-o à narrativa. Assim, apresenta inicialmente a natureza, descrevendo-a em sua grandiosidade:

[...] a tierra es tan buena, tan fértil y tan al natural como la de nuestra España, que nosotros entramos en ella por San Juan y comenzaban los indios a quemar los campos. Es tierra templada, adonde se cogerá mucho trigo y se darán todos los frutales; de más desto, es aparejada para criar todo ganado, porque en ella hay muchas yerbas, como en nuestra España, como orégano y [...] de unos pintados y a rayas y otras muchas yerbas muy buenas. Los montes desta tierra son encinales y alcornocales que llevan bellotas, que nosotros las vimos, y robledales; la tierra es alta y hace lomas, todas de sabanas, la yerba no más alta de hasta la rodilla: hay mucha caza de todos géneros (CARVAJAL, 2011, p. 55).

Em vários povoados pelos quais iam passando, aspectos da natureza vão chamando a atenção, como a grandiosidade dos rios, cenário de grande parte da aventura vivida por Orellana.

De aquí fuimos a la vela, aguardando la marea, dando bordos a un cabo y a otro, que bien había por dónde según el río era ancho, aunque íbamos entre islas, pues no estábamos en poco peligro cuando aguardábamos la marea, pero como no teníamos rejonos, estábamos amarrados a unas piedras (CARVAJAL, 2011, p. 67).

A organização social dos povos também é bastante descrita por Carvajal, que por vezes incorpora aspectos do imaginário em seu discurso. Para Pizarro (2005, p. 04):

La Amazonía como espacio físico y humano, cultural, tenía elementos que actuaban como dispositivos simbólicos en el ocupante, gatillándole conexiones semióticas del imaginario, permitiéndole construir con lo que veía un universo mítico, que respondía a sus carencias, expectativas, necesidades físicas y espirituales.

Um discurso pautado no olhar europeu sobre o Novo Mundo e, que, por vezes, não se limitava em descrever somente as etapas da viagem, mas que incorporava elementos do imaginário para explicar aquilo que não era compreendido ou não fazia parte da realidade da Europa

Considerações finais

Ao apresentar a crônica do frei Gaspar de Carvajal sobre o *Descubrimiento del Río de las Amazonas*, produto da viagem conquistadora de Francisco de Orellana e Gonzalo Pizarro, em 1541/1542, verificamos que o processo de achamento da Amazônia representa um importante momento no cenário de colonização da América por trazer o conteúdo histórico daquele período, proporcionando a formação dos primeiros conceitos referentes ao lugar ou ainda pela presença do imaginário europeu por meio da reaparição do mito das Amazonas.

O imaginário europeu sobre a Amazônia começou a apresentar-se nas narrativas sobre o Novo Mundo por meio da transferência de muitos elementos que faziam parte da cultura europeia para esta parte do globo. Nesse contexto, as novelas de cavalaria foram elemento importante ao influenciar as ações deste conquistador no século XVI, período das grandes viagens colonizadoras e mesmo que o conquistador estivesse em pleno Renascimento, conservava muitas características dessa literatura pertencente à Idade Média.

A realidade ficcionalizada por meio das leituras da época contribuiu para a formação de muitos conceitos sobre a Amazônia que foram listados em muitas narrativas sobre a região. Muitos elementos presentes nessas leituras estavam no dia a dia do homem com ideias medievais.

Ao aproximar as realidades do Velho Mundo e do Novo Mundo, os cronistas produzem textos que exaltam a figura do colonizador, enquanto herói que respeita e propaga os ideais do Cristianismo e da Coroa. Muitas atitudes passam a ser justificadas por meio dessa obediência, como a tomada de posse das novas terras, imposição da fé aos indígenas ou ainda os confrontos violentos que foram travados durante o período de dominação do novo território.

Assim, ressaltamos a importância da obra de Gaspar de Carvajal justamente por destacar os aspectos do imaginário medieval trazidos pelos colonizadores que liam e ouviam as histórias contidas nas novelas de cavalaria e tinham o interesse de comprovar nas novas terras essas informações. Também, por apresentar a região ao Velho Mundo, mesmo que fosse necessário forjar uma realidade que era descrita pelos relatos dos cronistas que vinham acompanhar as viagens colonizadoras.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Carlo Henrique Lopes de. **A vocação literária no pensamento historiográfico de Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés**. 2013.160 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, UFG, 2013.

CARVAJAL, Fray G. de. **Relación del Descubrimiento del Río de las Amazonas**. Edición y notas de Nieves Pinillos Iglesias, Madrid: Babelia, 2011.

FRANCO JÚNIOR, Hilário, 1948- **A Idade média: nascimento do ocidente** / Hilário Franco Júnior. -- 2. ed. rev. e ampl. -- São Paulo: Brasiliense, 2001.

GONDIM, Neide. **A Invenção da Amazônia**, São Paulo, Marco Zero, 1994.

HEUFEMANN-BARRÍA, Elsa Otilia. **Orellana, Ursúa y Lope de Aguirre: Sus hazañas novelescas por el Río Amazonas (siglo XVI)**. 2ª EDICIÓN, La Mirada Malva, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil**. SP: Companhia das Letras, 2010.

IRVING, A. Leonard. **Los libros del conquistador**. México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

MIGNOLO, Walter. **Cartas, crónicas y relaciones del descubrimiento y la conquista**. 1982.

PEDRO, Juliana de Castro. **Descobrimientos no Alto Amazonas. Crônicas e Relatos na Colonização da América**. XVII Encontro Nacional de História – O Lugar da História. Campinas, UNICAMP, 2004.

PIZARRO, Ana. **Imaginario y Discurso: La Amazonía**. Revista de Crítica Literaria Latinoamericana. Universidad de Santiago de Chile, Año XXXI, N° 61. Lima-Hanover, 2005.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América: a questão do outro**, São Paulo: Martins Fontes, 1999.

***Jocenilda Pires de Souza do Rosário** é Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós- Graduação em Letras (UFPA), Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (UFPA). Possui Especialização em Língua Portuguesa e Literaturas pela FIBRA. Possui graduação em Matemática pela Universidade do Estado do Pará (2008), graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (2009), graduação em Letras - Espanhol pela Universidade Federal do Pará (2013). Atualmente é professora da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Manoel Lobato. Faz parte da Editoração da Nova Revista Amazônica (UFPA) e dos Grupos de Pesquisa NARRARES (UFPA) e Literatura, Educação, Sociedade e Cultura (UNILA). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, saberes, educação ambiental, informática e etnomatemática.

***Carlos Henrique Lopes de Almeida** é Graduado em Letras Português e Espanhol(2000). Possui mestrado em Letras e Lingüística pela Universidade Federal de Goiás (2003). Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás(2013). Atualmente é professor adjunto IV da Universidade Federal da Integração Latino-americana , atuando na área de ensino de Língua espanhola como língua adicional e literatura latino-americana; Áreas de interesse de pesquisa: Ensino de Língua e Literatura, Língua espanhola instrumental, literatura da América Latina; Literatura e Historia; Nueva Novela Histórica;

Literatura Contemporânea; Literatura comparada; Literatura do descobrimento. Atua no Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada (PPGLC) da UNILA e no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UFPA na docência, orientação e pesquisa. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua e Literaturas de Língua Espanhola. Líder do grupo de pesquisa Literatura, Educação, Sociedade e Cultura (UNILA) e membro do grupo de pesquisa NARRARES (UFPA) e do grupo Literatura, Arte e Mídia (UNITINS).

***Cesar Martins de Souza** possui graduação em História pela Universidade Federal do Pará (1999), mestrado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (2002), doutorado e pós-doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (2012 e 2015). Atualmente é professor do Campus de Bragança e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, ambos da Universidade Federal do Pará. Tem experiência nas áreas de História e Antropologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Memórias do pós-Segunda Guerra no Ocidente Europeu, Ditadura civil-militar no Brasil, grandes projetos de integração no Brasil e na América do Sul, fronteiras, História da Saúde e Ambiental, Transamazônica, Xingu, migração. Editor-chefe da Nova Revista Amazônica/UFPA.

Recebimento: 20 de fevereiro de 2022

Aprovação: 04 de maio de 2020